

Fichamento do livro

# Meditações de Descartes

---

Nadla Gabriele e João Miguel

25 de Maio, 2024

## Introdução

1. Título: Meditações
2. Autor: René Descartes

fichamento da primeira e segunda meditação.

### Primeira meditação

1. Início:

Descartes inicia suas meditações pondo em dúvida o que ele conhecia até então. Se desprendendo de suas crenças e indo em busca de uma verdade que fosse mais estável. Nessa busca pela verdade ele começaria derrubando seus pensamentos que faltassem veracidade, e ao invés de derrubar crença falsa uma por uma, iniciaria derrubando a base desses pensamentos, dessa forma tudo que fora construído a partir disso se cede. Notou Descartes que muitas vezes os sentidos nos enganam, e portanto, deveria duvidar de tudo que lhe fora recebido através dos sentidos. Apesar disso, não são todos os sentidos que podem nos enganar, e dessa forma não se deve duvidar totalmente dos sentidos, uma vez que se sabe que está sentindo o calor do fogo ao seu lado.

2. Meio:

Descartes pode observar mais a frente a semelhança que tem seus sonhos com a realidade, então como julgar se está ele realmente acordado? Até aquele momento não estava ele negando a realidade, mas tentando entender nela o que pode ser mais concreto. Através da realidade pode-se explicar como as coisas representam ser. E definiu Descartes que o mais sólido que teríamos é a Extensão. Sendo ela o que nos dá a capacidade de se obter dos conhecimentos mais simples, até os mais complexos. A partir deles chegaríamos a entender a universidade da matemática. Tornando a também as ciências exatas como verdadeiras. Seja na realidade quanto nos sonhos. De certa forma, se cria na mente de Descartes a verdade de todas essas coisas, porém e se de todas essas coisas, nenhuma delas for realmente verdadeira, não existe sequer nenhuma extensão, há apenas um Deus enganador que nos fornece todas essas coisas falsas como verdadeiras.

Obviamente ele não diz que o Divino e Poderoso Deus seja capaz de tal perspicácia, já que o dizem ser tão bondoso e virtuoso.

3. Final:

Por fim, Descartes tenta a partir dos conhecimentos que ele obteve estabelecer a base para sustentar suas verdades. Para buscar essa base ele recorreria a dúvida. Retomando a dúvida como principalmente método para chegar no que é sólido. Através da matemática, e de buscar na extensão essa base sólida. Não seriam essas ciências que trariam a certeza, mas evitariam o erro. Ao final da primeira meditação Descartes volta a vida como de costume, desta vez, desconfiado de tudo ao seu redor.

## **Segunda meditação**

Início:

Ele retoma a dúvida da primeira meditação e sente-se sem chão por não ter uma base sólida por meio da ciência, por mais que a ciência apenas não induza o erro, é buscada através da dúvida. Sua memória está repleta de mentiras, em nada a sentido e tudo não passa de uma ficção de seu espírito. Porém ele mantém a esperança de encontrar a verdade. Faz analogia a Arquimedes, que em suas teorias pede uma verdade fixa e pura.

Meio:

Descartes usa métodos apelativos para chamar atenção para a dúvida. Bota em pauta a possibilidade de um Deus enganador ou outra potência que o faz ter pensamentos no espírito, porém ele percebe a própria capacidade de se pôr nesta posição. Enquanto enfatiza suas dúvidas em lista, ele percebe que existe apenas por simplesmente conceber isto ao espírito, levando-o a primeira verdade conquistada, algo como “Penso, logo existo”. Por mais que este seja o pensamento mais sólido até agora, ele não sabe com clareza o que ele é.

A partir disto sua busca por o que ele é começa. Nada conhecido por ele até agora o define, pois a base é frágil. Ele denomina o corpo como um conjunto de coisas que o compõem, e que sem a alma, vira um cadáver invés de uma máquina. Além de que, a existência é a priori, ou seja, não devemos tirar conclusões das experiências do corpo para achar verdades, mas também não devemos ignorar completamente, porque ela existiu no final das contas.

Fim:

A partir disto começa sua busca pelo seu “eu”. Nada conhecido por ele até agora o define, pois a base é frágil. Ele denomina o corpo como um conjunto de coisas que o compõem, e que sem a alma, vira um cadáver invés de uma máquina. Além de que, a existência é a priori, ou seja, não devemos tirar conclusões das experiências do corpo para achar verdades, mas também não devemos ignorar completamente, porque ela existiu no final das contas.